

## A Pós-Graduação em Psicologia no Brasil

Entrevista com Oswaldo Hajime Yamamoto

Pollyanna Santos da Silveira<sup>1</sup>

Leonardo Fernandes Martins<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFJF.

O Doutor Oswaldo Hajime Yamamoto é professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), instituição à qual está vinculado desde 1979, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRN e pesquisador 1B do CNPq. Foi representante da área da Psicologia da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (2005-2008), membro do Conselho Técnico Científico da CAPES (2005-2008) e é, atualmente, membro do Comitê de Assessoramento de Psicologia do CNPq (2009-2012). Possui uma ampla experiência nas áreas de Psicologia e Educação, investigando temas relacionados às políticas sociais e à prática do psicólogo, e ao pensamento marxiano e à prática da educação.

O Dr. Yamamoto atualmente é consultor da CAPES na área da Psicologia, atuando em missões de trabalho que visam a oferecer apoio ao desenvolvimento de programas de pós-graduação no Brasil. Em setembro de 2009, o Dr. Yamamoto visitou o programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em missão de trabalho, momento em que este programa, criado no ano de 2008, pôde discutir seu processo de consolidação e seus planos de expansão com base em suas observações e sugestões. A presente entrevista foi gentilmente concedida pelo Dr. Yamamoto ao final de sua missão de trabalho na UFJF. As perguntas feitas pelos entrevistadores e respondidas pelo professor foram transcritas, adaptadas e mais uma vez gentilmente revisadas pelo Dr. Yamamoto. A transcrição na íntegra da entrevista segue abaixo.

Agradecemos muito sinceramente a sua grande contribuição e a disposição para responder às perguntas por nós elaboradas.

### 1- Qual a avaliação que o senhor faz dos programas de pós-graduação hoje no Brasil?

Os programas de pós-graduação no Brasil, do ponto de vista quantitativo, tiveram uma expansão muito grande nos últimos anos. Embora o primeiro programa da área da Psicologia tenha sido criado já em 1967, o sistema cresceu muito lentamente até poucos anos atrás. Existem, atualmente, 2.867 cursos de pós-graduação no Brasil, divididos em nove grandes áreas. As Ciências Humanas têm 402 cursos de pós-graduação, sendo a Psicologia uma das subáreas, contando com 64 cursos de pós-graduação. Considerando-se que existem mais de 400 cursos de graduação no Brasil, fica evidente a disparidade entre esses dois níveis de ensino. Mesmo assim, é inegável que a área da Psicologia tem crescido muito. No ano de 1976 tínhamos 13 cursos de mestrado e 2 de doutorado. Dez anos depois, em 1986, passamos para 16 cursos de mestrado e 4 de doutorado. O sistema cresceu muito pouco. Embora tenham dobrado o número, os cursos de doutorado cresceram apenas de 2 para 4. Na década de 1986 a 1996, o sistema cresceu um pouco mais, e nos últimos anos tem crescido muito, até atingir a marca atual de 64 cursos, 41 deles com o nível de doutorado.

A configuração geral da pós-graduação é a mesma dos cursos de graduação: está amplamente concentrada no Sudeste, seguida pelas regiões Nordeste, Sul e Centro-Oeste (em grande medida pela participação da Universidade de Brasília), com a região Norte como a mais carente. É interessante observar que, excluindo Brasília da região Centro-Oeste, ela fica igual à região Norte. São regiões que têm a pós-graduação menos desenvolvida. Em relação à dependência administrativa, há uma proporção bastante elevada de instituições públicas em relação às privadas, ou seja, a pós-graduação ainda é o

reduto das instituições públicas. As universidades públicas são basicamente responsáveis pela pós-graduação no Brasil. No caso da Psicologia, isso é evidente, considerando os dados de todo o Brasil. No ensino de graduação, cerca de 80 % dos cursos são de instituições privadas e pouco menos de 20% são de instituições públicas. Por isso, o grande diferencial hoje das universidades públicas, sobretudo das federais, é a pós-graduação. A grande maioria dos programas de pós-graduação em Psicologia são parecidos com o da Universidade Federal de Juiz de Fora, que tenta abranger um campo extenso, não todo o campo que a graduação atende, mas mesmo assim um espectro relativamente amplo. O que se vê é que a pós-graduação em Psicologia está crescendo muito nos últimos anos. Mas a pergunta é: “Ainda há espaço para crescer?”. A resposta é “Sim!”. Ainda há muito espaço para crescer nas IES públicas. Nem todas as unidades da federação têm pós-graduação em Psicologia. Na região Norte, por exemplo, além de um curso já consolidado, foi criado recentemente um segundo no Pará, um curso no Amazonas e um curso em Rondônia, mas ainda há uma situação de certa instabilidade. Na Região Nordeste, há vários estados que não tem pós-graduação como Alagoas, Piauí, Maranhão. Na Região Centro-Oeste, em instituições públicas, só há cursos de pós-graduação em Brasília; os outros programas que existem são os da Universidade Católica de Goiás e da Universidade Católica Dom Bosco do Mato Grosso do Sul. O fato de existirem mais de 400 cursos de Graduação mostra que não só há espaço para o crescimento da Pós-Graduação, como também a necessidade, haja vista que a qualificação desses docentes é responsabilidade da Pós-Graduação. Dessa forma, ela tem potencial de crescimento e tem possibilidades de crescimento. Já nas instituições privadas, excetuando as universidades confessionais que têm uma pós-graduação já consolidada, muitas estão iniciando cursos de mestrado. Esse movimento não chega a ser expressivo, é algo mais pontual. De qualquer modo é difícil estabelecer uma tendência. A Psicologia, talvez por conta da necessidade de instalações especiais, como os laboratórios, não tem sido alvo privilegiado das instituições privadas. Entretanto, as IES privadas que têm Pós-Graduação na área de Psicologia são instituições que estão apresentando uma proposta consistente. Nunca é demais lembrar, contudo, que a política das instituições privadas é determinada, no limite, pela rentabilidade. Temos um exemplo do programa de Psicologia Social da Universidade Gama Filho,

que funcionou durante 30 anos, estava com conceito 4, e mesmo assim foi extinto.

Em termos temáticos, já fizemos um levantamento de que há necessidade de ampliação do espectro de temas (este estudo, discutindo as lacunas na Pós-Graduação, está à disposição no site da CAPES). Hoje, dificilmente poderíamos falar de lacunas. Embora haja necessidade de desenvolvimento de cartas subáreas, que poderiam ser contempladas com ações indutivas, o preenchimento de lacunas temáticas não me parece ser a prioridade. Para mim, a prioridade da pós-graduação na Psicologia é a indução regional, sobretudo na região Norte e, eventualmente, na Região Centro-Oeste.

Em relação à formação dos Mestres e Doutores, nós estamos com uma lacuna razoável. Embora tenhamos uma boa quantidade de programas, ainda formamos pouco, sobretudo poucos doutores. Creio que em termos de perspectivas, os programas de Pós-Graduação precisam consolidar os seus cursos de Mestrados e estabelecer o nível de Doutorado. Acho que esse seria o desafio da UFJF, acredito que isso seja essencial.

Em relação à qualidade, os únicos programas chamados de excelência, ou seja, avaliados com nota acima de 6, estão na Região Sul e na Região Sudeste. Os dois da região Sudeste estão em São Paulo, na USP (um em São Paulo, outro em Ribeirão Preto). O programa da região Sul está na UFRGS. Todos os três têm nota 7, a nota máxima na escala da CAPES.

A região Nordeste não possui nenhum programa 6. Pernambuco já teve um programa com essa nota, mas atualmente, a maior nota na região Nordeste é 5 (quatro programas). A região Centro-Oeste está com vários programas com o conceito 5, mas todos eles localizados na UnB. Fora dela, o cenário ainda é de certa precariedade. E na Região Norte, o único programa com a nota 5, no Pará, não conseguiu manter o conceito na última avaliação trienal.

Ou seja, em relação à questão da qualidade, ainda os programas que estão fora do eixo Sul-Sudeste precisam melhorar o seu nível.

## **2- Qual seria a política da CAPES ou fatores que o senhor identifica como importantes para o fortalecimento desses programas novos de Pós-Graduação?**

A CAPES tem alguns programas para fortalecer a Pós-Graduação. Um das iniciativas são os chamados projetos setoriais que visam a incentivar e induzir o cresci-

mento da Pós-Graduação em algumas regiões, como é o caso da região Centro-Oeste e da região Norte. Contudo, não acho que seja somente a CAPES; outras agências, como no caso de alguns editais do CNPq, destinam um percentual de recursos para projetos na Região Norte e Nordeste, algo na faixa de 30%. No caso da CAPES, existem alguns programas que incentivam a criação e o fortalecimento dos programas na região Norte, embora alguns estados da região Nordeste e Centro-Oeste possam concorrer. Por exemplo, o “Projeto Novas Fronteiras” visa a criar algumas condições para o fortalecimento do programa de Pós-Graduação nessas regiões. A disparidade regional é um problema de difícil equacionamento. Tomemos um exemplo: duas IES, uma em São Paulo e outra, digamos, no Amapá, apresentam propostas com as condições mínimas exigidas para a criação de um programa de pós-graduação. Tendo em vista as condições absolutamente desiguais, a primeira proposta pode ter mais dificuldades para obter a sua aprovação. É importante assinalar que a proposta do Amapá, no nosso exemplo, deve atender às condições mínimas de funcionamento. Agora, não basta que esse programa no Amapá seja criado, ele precisa de suporte, que se configura como: participação privilegiada em determinados editais, do tipo fixação de doutores, intercâmbios inter-institucionais e recursos específicos para isso.

Outras modalidades de programas de apoio incentivam a colaboração entre os programas de pós-graduação. Um deles é o PROCAD (que a UFJF poderia entrar, quando sair o edital). São previstas duas possibilidades de colaboração, uma horizontal, envolvendo a cooperação de dois programas bem avaliados, em patamares equivalentes, e outra envolvendo programas numa relação assimétrica. No caso da Psicologia, poderia haver uma proposta de cooperação entre um programa com a nota 7, por exemplo, com algum em consolidação, com nota inferior. A expectativa é que a associação traga frutos em ambas as direções, embora seja evidente que um programa de nota inferior leva grande vantagem nessa cooperação. Esses programas são desenvolvidos na base de missões de trabalho e missões de ensino, em que ora os professores se deslocam de uma instituição à outra; ora são os alunos. Outro projeto que foi anunciado pelo presidente da CAPES, Bolsa para Todos, permitirá que todos os alunos da região Norte e Centro-Oeste tenham bolsas de mestrado e doutorado, quando atenderem as condições exigidas para recebê-las. Na região Nordeste, todos os alunos de doutorado dos programas recomen-

dados também receberiam bolsas. Se cumprido, seria uma maneira de atrair alunos para a região Norte, Nordeste e Centro-Oeste, enfim, de tentar melhorar um pouco esse quadro de desequilíbrio regional, que é um grande problema na pós-graduação, na graduação (e em todos os setores da sociedade). A CAPES tem estado atenta a não medir coisas diferentes com uma mesma régua. Além disso, está preocupada em criar condições para que esses programas possam ser implantadas com as condições necessárias.

**3- Mesmo dentro dessas grandes regiões, por exemplo, dentro da região Sudeste, muitas vezes, nós temos disparidades internas. Grandes concentrações, como no caso de capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, com uma disparidade importante no interior de algumas partes da região Sudeste. Existe algum tipo de perspectiva para avaliar essas diferenças?**

É preciso deixar claro que não posso responder pela agência. Lembro-me, contudo, de que nós discutimos isso muitas vezes no CTC no último triênio. Posso afirmar que a CAPES está atenta para a avaliação das micro-regiões, porque a região geográfica por si só não é tão determinante. A CAPES trabalha com uma lógica que é estranha, mas ainda não deu conta de abordar as micro-regiões. Por exemplo, quando a CAPES vai trabalhar com fomento, Piauí, Maranhão, ficam na região norte, e não na região nordeste. O Espírito Santo não fica no Sudeste, mas na região Nordeste, enquanto Brasília fica na região Sudeste... Isso porque, na verdade, temos de analisar as condições locais e específicas. Essa reivindicação já existe e eu tenho a convicção de que alguma coisa será feita nessa direção. O atual diretor de Programas e Bolsas no País na CAPES, professor Emídio Cantídio de Oliveira Filho, foi reitor de uma universidade rural na região Nordeste e está atento para essas questões.

**4- Houve uma aceleração do crescimento dos programas de pós-graduação, mas como isso se reflete na consolidação da Psicologia enquanto Ciência e Profissão?**

Nós temos uma realidade no Brasil que é um pouco diversa em relação ao resto da América Latina. O padrão de colonização que se deu no Brasil foi de formar as elites na matriz, diferentemente da América Espanhola, que começou a criar condições para a formação de quadros nas colônias. Há registros de universidades na América Latina de 1500, 1540, 1550... No Brasil,

embora existissem alguns projetos no Paraná e no Amazonas no início do século XX, a primeira universidade, a USP, foi criada em 1934, seguida pela Universidade do Brasil (a atual UFRJ), em 1935. A universidade no Brasil é muito recente, é uma instituição que não tem 100 anos, ou seja, trata-se de um fenômeno muito novo. A pesquisa no Brasil começou a ser feita em escolas e institutos isolados. Somente em meados do último século, a pesquisa entra para a Universidade. Com a reforma universitária que foi imposta pelo regime militar, os institutos começaram a definir e o sistema de pós-graduação cresceu e começou a ser estruturado. Com a criação da pós-graduação, há uma migração da pesquisa para dentro da pós-graduação. O educador Luiz Antonio Cunha propõe que o epicentro da pesquisa no Brasil passa a ser, a partir desse período, as universidades públicas. Hoje, a produção do conhecimento é feita, sobretudo na universidade, mais de 90% do conhecimento é produzido no conjunto das universidades federais e em algumas estaduais. E, no interior das universidades, a produção está concentrada nos grupos de pesquisa que estão vinculadas aos cursos de pós-graduação. A produção tem crescido muito, mas de forma heterogênea. Existe produção de excelente qualidade e existe produção de não tão boa qualidade. Eu acho que com o tempo essas coisas vão se depurando, mas houve, sim, um crescimento muito grande.

Na área da Psicologia, em particular, nota-se que, nessa última avaliação do triênio, com raríssimas exceções, os programas de pós-graduação tiveram inserção regional e social muito grande, com o sistema público de saúde ou com o serviço de educação, onde boa parte das pesquisas é realizada e eventualmente podem contribuir para a reformulação de políticas públicas nestes setores.

A CAPES tem incentivado a articulação entre a produção do conhecimento e a intervenção, sinalizando que os programas de pós-graduação não são grupos de pesquisas isolados do mundo. Ao contrário, eles devem refletir as questões que são postas na sociedade onde estão inseridos. Um exemplo de iniciativa de programa que articula isso de maneira muito interessante é da Universidade Católica de Goiás, que tem um trabalho de intervenção na periferia de Goiânia. Por isso, eu acho que o crescimento da pós-graduação traz de fato muitos benefícios, sem falar da repercussão para o próprio campo. Ser formado por um grupo de pessoas que produz conhecimento é muito diferente do que ser formado por um grupo que apenas reproduz o conhecimento. Estar

envolvido com a produção do conhecimento requer necessariamente um nível de atualização grande, uma vez que ninguém faz uma pesquisa de boa de qualidade sem ter uma avaliação de estado da arte da área. Claro que faz diferença se um professor que vai dar aula de um assunto X é um pesquisador que está lendo as revistas, está participando de debate nacional e internacional. Acredito que estes fatores têm uma repercussão direta no ensino de graduação.

### **5- Atualmente existe um grande incentivo à produção acadêmica. A escalada da produção reflete um avanço real do conhecimento no campo da psicologia?**

Ela reflete também. Temos um sistema que conta com certa regulação externa. Quando submetemos um artigo para a publicação, geralmente mandamos algo com uma qualificação que assumimos previamente. Desta maneira, esse artigo já deveria ter um nível adequado para publicação. Contudo, essa avaliação inicial do próprio autor é subjetiva, podendo ser enviesada. Quando submetemos esse material para uma boa revista e ela aceita, tal aceite configura-se como um aval de qualidade. Acontece que essa questão da qualidade está diretamente relacionada com o sistema de tramitação da revista e de seu sistema de arbitragem. Quando a revista tem um bom sistema de arbitragem, a qualidade do material a ser publicado pode ser considerada boa.

No caso das revistas brasileiras, de uma forma geral, nós ainda não temos um bom sistema de arbitragem. Diversas razões estão associadas a esta condição. Uma delas é que a nossa comunidade científica ainda é pequena, ocasionando uma sobrecarga muito grande para os pesquisadores mais qualificados, que já desenvolvem diversas atividades. Dessa maneira, um pesquisador que é considerado uma referência em uma determinada área, acaba sendo alvo das agências fomento para avaliação de propostas e de várias boas revistas. Chega um momento em que tais pesquisadores não conseguem mais atender às demandas das revistas e estas começam a encaminhar os pareceres para outras pessoas. Considerando que o critério da revista que confere qualidade ao material publicado é o avaliador, tendo bons avaliadores, o processo caminha bem. Eu acho que não temos isso ainda consolidado, o que acaba se refletindo nessa afirmação subjacente à sua pergunta, de que há um crescimento sem qualidade. Pessoalmente, penso que há um crescimento em quantidade, mas também há um crescimento com qualidade. Tenho a expectativa de que vai chegar

um momento em que relação quantidade-qualidade vá se ajustar.

Mas é inegável que a pressão por produção pode gerar um aumento da produção de baixa qualidade. Essa é uma preocupação que nós temos. Por isso que a área da Psicologia tem trabalhado com uma sistemática para avaliar e estabelecer certos limites do número de produções. O estabelecimento destes limites visa a incentivar a produção de melhor qualidade. Enfim, não podemos

fazer uma afirmação genérica de que a produção seja toda ela de boa qualidade, mas também não é verdade que a produção seja desqualificada.

Agradecemos os seguintes alunos do Curso de Graduação em Psicologia da UFJF pela importante ajuda na transcrição da entrevista: Fabrícia Creton, Gabriela Correia, Henrique Gomide, Ramon Braga, Rhaisa Gontijo e Thais Lopes.